



## MEMÓRIAS (RE)VELADAS: O CINE PLAZA E O MOVIMENTO DA IMAGEM NO EVENTO “INSTANTE IMPRECISO”

Renata Voss Chagas – Universidade Federal da Bahia

### RESUMO

A presente pesquisa teórico-prática aborda o lugar, o tempo, a memória e a imaginação, a partir da criação de um trabalho artístico orientado pela fotografia – compreendida como algo múltiplo, a qual pode ser trabalhada junto a diversos procedimentos. Neste trabalho, o lugar escolhido é o Cine Plaza, um antigo cinema de bairro localizado na cidade de Maceió (AL), que funcionou entre 1950 e 1996. Assim, este texto apresenta uma reflexão teórica sobre o evento “Instante Impreciso” – que consistiu na divulgação de que o Cine Plaza iria exibir as suas últimas imagens – e suas implicações conceituais e formais sobre um lugar que está desaparecendo enquanto um espaço físico, mas no qual sobrevive na imaginação de algumas pessoas. Uma articulação entre a criação artística, a imagem, o tempo e o lugar.

**Palavras-chave:** arte pública, fotografia, memória, imaginação, Cine Plaza.

### ABSTRACT

This research addresses the place, time, memory and imagination, from the creation of an artwork driven by photography - understood as something multiple, which can be worked together with various procedures. In this work, the place chosen is the Cine Plaza, an old neighborhood movie theater located in the city of Maceió (AL), which worked between 1950 and 1996. Thus, this paper presents a theoretical reflection on the artistic event “Instante Impreciso” – which consisted in spreading that Cine Plaza would show their latest pictures – and its conceptual and formal implications of a place that is disappearing as a physical space, but which survives in the imagination of some people. A combination of artistic creation, image, time and place.

**Keywords:** public art, photography, memory, imagination, Cine Plaza.

Ir ao cinema pode ser uma atividade ligada ao lazer, entretenimento ou conhecimento, um encontro com outra realidade. Esta pesquisa surge da vontade de contar histórias, falar de um lugar construído para ser um cinema. Lugar de histórias imaginadas: o Cine Plaza.

Aqui, apresentaremos uma reflexão teórica sobre a imagem no cinema e do cinema a partir da criação artística em fotografia no campo expandido, por meio da obra “Instante Impreciso”, realizada nas ruínas deste cinema em agosto de 2011, na cidade de Maceió (AL). Considerando que as fotografias ativam a memória e podem

ligar o presente ao passado, podendo ainda, promover outras experiências por meio de ações artísticas.

O Cine Plaza foi inaugurado na década de 1950 com capacidade para 700 pessoas, funcionando todos os dias com *matinée* e *soirée*. No domingo havia uma programação matinal como o desenho animado “Tom e Jerry”. Outras exhibições de filmes no Cine Plaza foram as chanchadas nacionais, com Oscarito e Grande Otelo, Zé Trindade, Renata Fronzi, Mazzaropi e as comédias de Charlie Chaplin e O Gordo e O Magro. Em seguida vieram os musicais, os cômicos, os temas da segunda guerra mundial; os filmes nacionais da década de 1960; os temas de pirataria, faroeste e bang bang italiano. Os filmes épicos surgiram na década de 1970; já os filmes de lutas marciais apareceram na década de 1980. A partir de 1984, o Cine Plaza passa a exibir filmes pornôis, pois os advogados da Paris Filmes conseguiram uma liminar para exibição desse tipo de filmes. Em 1985, após o fim da censura, todo tipo de exibição cinematográfica foi liberada. Em 1996 o Cine Plaza fecha.

Atualmente, o espaço onde funcionava este cinema, se encontra abandonado. A presente pesquisa toma como fio condutor a questão do lugar e o tempo na fotografia, investigando as possibilidades de ampliação dessa linguagem. A memória do Cine Plaza é usada como base para o desenvolvimento das obras, criando estratégias artísticas específicas para cada projeto. O ato fotográfico é associado a outras ações, configurando um outro “lugar” para a imagem que faz ativar a memória, colocando o passado em contato com o presente.

Há um desejo de celebrar ou cultuar um lugar de imagens, com imagens. É interessante ver que “*cultus*– o verbo latim *colere* – designou a princípio simplesmente o ato de habitar um lugar e ocupar-se dele, cultivá-lo” (HUBERMAN, 1998, p. 155). Seria então um “lugar trabalhado”. Ocupado com imagens.

Assim, imagens do passado se somam à realidade atual do Cine Plaza. Este é um trabalho que lida com a memória de um lugar que está desaparecendo enquanto espaço físico, mas que sobrevive na imaginação de algumas pessoas e estimula a criação artística e reflexão sobre imagem, tempo e lugar.

## **Imagens imaginadas: o lugar da imagem do cinema e no cinema**

A fotografia pode tornar visível; contudo, é preciso ir além do ato fotográfico. Flusser (2002, p. 32), ao falar sobre o gesto de fotografar o compara com um movimento de caça: “o fotógrafo caça, a fim de descobrir visões até então jamais percebidas”. Durante a caça é preciso estar atento às provocações da pulsão escópica, um jogo entre a percepção e imaginação.

Nenhuma fotografia é inocente. Nela pode haver um jogo de intencionalidades que toca a memória, a imaginação e a percepção. Se selecionarmos determinado tema e escolhermos três fotógrafos para trabalhar um determinado tema, teremos resultados diferentes, pois cada um terá a sua história de vida, o seu contexto cultural, o seu modo de perceber e produzir uma obra e classificá-la, daí entendermos a percepção do fotógrafo como um filtro cultural (KOSSOY, 2002).

Na presente investigação, trabalhei com imagens fotográficas como dispositivos para ativar memórias: as fotografias dos álbuns de família, fotografias de arquivos pessoais mais recentes e da minha própria lembrança do lugar. A partir daí foram realizados procedimentos interventivos e ações no espaço do Cine Plaza.

As fotografias de álbuns de família trazem uma memória que é particular, mas ao mesmo tempo evoca a imaginação. Ao utilizar fotografias desses álbuns, transpondo-as para o espaço de uma galeria ou ação pública, pretendo modificar o valor simbólico dessas imagens, modificando significados de caráter íntimo, de afeto, tornando-os público, abertos e transitórios.

Ao adotar procedimentos de seleção, acumulação, justaposição e sobreposição, a partir de imagens fotográficas realizadas, pude juntar lugares e tempos que estavam separados, numa tentativa visual de construir outras histórias.

Ao lembrar do lugar onde situa-se o Cine Plaza, faço uma imagem dele, torno presente algo que está ausente, através de uma imagem mental. Imagem esta constituída de uma experiência passada, de momentos vividos no lugar e da imaginação e imaginário ligado àquele espaço. Imagens do passado misturadas a imagens atuais. Sobre essa questão da representação do passado Ricoeur (2007, p. 25) pontua:

(...) a presença, na qual parece consistir a representação do passado, aparenta ser mesmo a de uma imagem. Dizemos indistintamente que nós representamos um acontecimento passado, ou que temos dele uma imagem, que pode ser quase visual ou auditiva.

Quando digo “eu me lembro do cinema”, uma série de imagens e atmosferas se tornam presentes, no entanto essas imagens se misturam com a percepção do presente, podendo inclusive substituir a imagem do passado (BERGSON, 2010). Seria a partir daí, talvez, que poderíamos unir memória e imaginação.

Para Flusser (2002, p. 07), a “imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens”. Assim, o limite entre a lembrança e a imagem é bastante tênue. O que garante que aquilo que lembramos pode ser uma imagem de algo que efetivamente existiu ou aconteceu? Lembramos de algumas coisas e outras esquecemos. Do mesmo modo que damos preferência a fazer registros fotográficos de momentos felizes e não dos momentos tristes. Uma das funções da memória é estar contra o esquecimento, elaborando novos textos, se renovando (SALLES, 2006).

Bergson (2010) aponta o corpo como referencial para a nossa percepção das coisas: “todos nós começamos por acreditar que entrávamos no objeto mesmo, que o percebíamos nele, e não em nós.” (p. 42). A partir desse pensamento acredito que a minha percepção do Cine Plaza se deve ao fato de ter vivido uma infância muito próxima daquele espaço e acredito também que as visitas realizadas foram fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa, uma reflexão entre imagem, imaginação e o lugar. Ainda conforme Bergson (2010, p. 30),

na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples “signos” destinados a nos trazerem à memória antigas imagens. A comodidade e a rapidez da percepção têm esse preço; mas daí nascem também ilusões de toda espécie.

Assim, visitar e perceber o espaço do Cine Plaza se entrelaça com a memória do lugar e a imaginação que tenho dele, criando ilusões e delírios produzidos por ações artísticas. A memória, a imaginação e a percepção estão intimamente ligadas; não há como isolar um desses elementos e ignorar os outros. Desse modo, transito entre as minhas memórias do Cine Plaza, aquilo que percebo ao visita-lo e tudo o que imagino a partir desse lugar, o Cinema.

Então o que se propõe aqui está longe de um trabalho documental sobre o Cine Plaza, pois inscreve uma proposta em que esse lugar se caracteriza como estratégia e vetor das obras desenvolvidas. Rouillé (2009, p. 36) comenta a existência da fotografia, “(...) não para representar o real, porém para produzir e reproduzir *o que é passível de ser visível (não o visível)*”. Neste sentido, acredito que é por esse caminho que os resultados foram alcançados, trabalhando com a visibilidade de um espaço público/privado em ruínas e por isso, invisível, inativo, sem imagens em seu interior – um lugar para produzir e reproduzir imagens.

Um cinema é, sobretudo, um lugar de imagens. É claro que também pode ser considerado um lugar onde se pode buscar entretenimento, diversão, uma forma de fugir da realidade. Se pensarmos que entramos nele, as luzes se apagam e sequências de imagens começam a ser projetadas numa tela. Ali uma história é contada através das imagens.

Toda imagem caberá ali. É interessante pensar que ali, no cine Plaza em específico, já foram exibidos diversos tipos de filmes – do filme de karatê, aos desenhos animados, ao sexo explícito – e essas imagens somem do cinema. O lugar onde elas podem sobreviver é na memória de quem as viu projetadas. Uma imagem em película de cinema, quando passa, sempre deixa imagens para trás, é sempre passado. É uma imagem que é instável, suave, que desaparece.

Acreditamos que gerar imagens de um lugar em ruínas pode nos levar a pensar no que já houve ali, uma arqueologia visual do imaginário. Trabalho através das ausências, dos vazios. Conforme Didi-Huberman (1998, p. 138), “implicar o vazio como processo, ou seja, como esvaziamento, para inquietar o volume: essa operação, mais uma vez, é de natureza dialética”. Percebo aí um jogo de tornar um espaço ou uma história presente no vazio. Como se a imagem do que ele, o cinema, é ou foi ganhasse preenchimento através dos olhares atentos de cada um. O Cine Plaza se esvaziou daquilo que remetia a um espaço-cinema (cadeiras, projetores, caixas de som, bilheteria, presença de público, cenas de filme etc.) e se preencheu de outros elementos: árvores, lixo, ocupantes clandestinos entre outras coisas. Lançamos um olhar para o que existe materialmente nesse espaço, mas com um esforço podemos imaginar cenas projetadas e vividas por pessoas que ainda vivem e outras que desapareceram junto com as imagens dos filmes do passado.

Persisto, e ainda assim consigo ver nas ruínas um cinema. Não porque haja ali tantos vestígios do que foi, não é pela semelhança com aquilo que conhecemos como cinema, mas porque vivenciei o cinema – a fábrica de imagens – daquele lugar. Para outros, ali pode ser somente uma casa antiga abandonada. De acordo com Didi-Huberman (1998, p. 105),

só podemos dizer tautologicamente *vejo o que vejo* se recusarmos à imagem o poder de impor sua visualidade como uma abertura, uma perda – ainda que momentânea – praticada no espaço de nossa certeza visível a seu respeito. E é exatamente daí que a imagem se torna capaz de nos olhar.

Afinal, quem poderia ver nessa imagem (figura 1) um cinema? Pelos vestígios deixados pelo tempo e capturados por essa imagem não daria para afirmar com plena certeza.



Figura 1 Espaço do Cine Plaza em junho de 2011.

Esse cinema morreu, mas através dele ainda pode-se gerar imagens. Não do modo tradicional que um cinema geraria: com pessoas sentadas em suas cadeiras, alguém comandando a projeção, luzes apagadas, imagens em sequência, mas através de alguns procedimentos artísticos empregados nesta pesquisa.

Se o que vemos depende do sujeito que olha, ali eu vejo um lugar para o cinema, um traço, um vestígio do que foi e do que poderá ser. É como se houvessem camadas de tempo em cada elemento ali presente, ou pelos vestígios dos elementos ausentes. Vejo porque fazemos imagens, liberamos imagens,

imaginamos. E penso que esse lugar em ruínas é também imagem. Imagem do que se foi, como uma fotografia que representa um momento do tempo e do espaço.

Didi-Huberman (1998) afirma que ver é o traço do que se perdeu, é semelhança perdida. Mas o que se vê ali depende do sujeito, da relação que ele é capaz de estabelecer com aquela imagem, de ver além da superfície, dos restos, das marcas. Um filme pode ser visto como uma série de fotogramas em sequência estática ou em movimento, mas pode também ser visto pela história que conta ou de quem conta o que nela viu. Pode ser visto de tantos modos – já que depende do sujeito – que não conseguiríamos dar conta aqui do que cada um pode ver ali. Todo tipo de imagem e de todos os lugares caberão dentro de um cinema.

Afinal, o cinema atua em nossa imaginação e desperta alguns sentidos, provoca emoções. O cinema exhibe imagens que são muitas vezes fantasiosas, fantásticas, imagens que na realidade não seriam possíveis de acontecer. A partir daí somos capazes de imaginar desdobramentos de um filme e ficar com certos fragmentos impregnados em nossas memórias. Por não lembrar de um filme inteiro, mas sim de certos fragmentos que nos chamaram a atenção, podemos criar outras edições. E nosso imaginário é capaz de transferir para o real algumas imagens resultantes dessas edições.

Vemos em filmes, imagens que não são do cinema, mas que passam dentro da memória. O espaço do cinema é como se fosse um elemento neutro que permitisse a existência de várias histórias, imagens e que atmosferas diferentes tomassem conta desse lugar. Considero o cinema como uma superfície/suporte/lugar, onde todas as imagens podem aparecer e desaparecer. Como uma potência de imagens em constante devir.

Só há cinema quando há imagens. Aqui apresento o trabalho realizado no espaço do Cine Plaza. Um trabalho com imagens, num lugar da imagem. Um lugar que perdeu suas características fundamentais e que proponho fazer com que esse lugar gere imagens. Com a morte do cinema Plaza, penso num lugar livre para receber quaisquer imagens.

Ao olharmos para esse lugar, o cinema, como um lugar da celebração, do culto às imagens, tudo caberá ali. A arte contemporânea estabelece nexos com

várias manifestações e lugares, gerando múltiplas imagens resultantes de propostas artísticas que usam fotografias antigas, atuais, fragmentos de películas cinematográficas encontradas no lugar entre outros procedimentos. Assim, as imagens podem refazer a imagem do lugar.

Tudo cabe em um cinema. O que imaginamos e queremos ver nesse lugar, caberá ali através de diversas estratégias e procedimentos artísticos.

### **Instante Impreciso: “Sem portas para abrir, uma inauguração era equívoca?”**

No trabalho desenvolvido a partir do Cine Plaza, há memória, tempo e, principalmente, imagens. Resultando numa poética na qual a fotografia é usada para o desenvolvimento de obras que constroem uma espécie de retorno e deslocamentos físicos, simbólicos e conceituais em direção para outras fotografias, outras imagens.

Com a ideia de "imagem que vai embora", iniciei uma pesquisa de materiais necessários para a execução da obra (ação). Pensando na proposta de imagens que voam, imagens em movimento, assumi o balão com gás hélio como elemento visível no trabalho, amarrando-o em fotografias impressas em transparências. Optei pela cor preta para o balão, associando a um trabalho que fala da morte de um espaço. Para esse trabalho, tive também que fazer testes com diversos tamanhos de balões para saber qual tamanho seria o suficiente para levar a fotografia embora pelo ar. Ao trabalhar com balões menores, percebi que tinha que amarrar dois balões para que ele levasse embora a imagem e que uma imagem só numa transparência menor, voava lentamente, como se estivesse ainda pesada para o tamanho do balão. Foram dois meses de pesquisa desse material até a sua utilização no evento. É preciso conhecer a matéria usada e esperar o momento certo para aplicá-la em um determinado trabalho. Conforme aponta Salles (2006, p. 61), “obra e artista dialogam. Este é o tempo da matéria, que o artista aprende a conhecer e passa a obedecer ou, em alguns casos, desrespeita-o com alguma intenção. É a espera do artista pelo tempo da obra.”.

“Instante Impreciso” é um projeto artístico que trabalha com a imagem em movimento, outro movimento, pois as fotografias do meu arquivo são levadas para o lugar onde existiu um cinema. Lá o "evento" acontece: as imagens em movimento



são lançadas ao vento, e por apresentarem tamanhos reduzidos e se posicionarem distantes do público, não são decodificadas, deixando todos com a imaginação em estado dinâmico, com possíveis histórias improváveis.

Para essa ação, convidei o público para ver a exibição das últimas imagens do Cine Plaza. Elaborei um cartaz e foi desenvolvido um material para divulgação do evento junto à imprensa. No entanto, o texto do material de divulgação não informava com clareza o que iria acontecer naquele dia e horário, levando as pessoas a pensar que por ser exibição de imagens em um cinema, seria um filme.

Não havia uma descrição clara do acontecimento, a não ser a divulgação do evento. O texto foi enviado juntamente com a imagem do cartaz, que foi colocado em alguns pontos da cidade. No texto também foi divulgado o endereço do blog, pois nos dias anteriores criei textos que falavam sobre o ponto de vista de onde poderia ser visto o trabalho: do outro lado na rua e não dentro do Cine Plaza e outras pequenas pistas deste evento envolto em mistérios.

A dúvida permeou todo o processo de divulgação: desde o cartaz que divulga o título da obra, direção e horário. Comunicando apenas que "O Cine Plaza lançará suas últimas imagens", já remetendo ao conceito operacional usado como estratégia: lançar os balões no ar.

A divulgação do evento entrou para a agenda do O Jornal e da Gazeta de Alagoas no dia 14 de agosto de 2011, na véspera do evento. Na agenda da Gazeta de Alagoas o evento figurou na categoria "exposição" do jornal. Ao pensar na imagem de divulgação do cartaz, que vem de um álbum de família, ponderamos que a significação de uma fotografia depende, sobretudo, do seu canal de circulação (FLUSSER, 2002). Como também aborda Rouillé (2009, p. 52), "não basta confiança para fazer da fotografia uma imagem fiduciária. É preciso igualmente, como a moeda, circular, permutar, passar de mão em mão.". Então a credibilidade conferida à imagem do cartaz só aumenta quando a imprensa divulga o evento.

O jornal Primeira Edição divulgou em seu site o evento com o título "Cine Plaza abre as portas ao público com exposição "Instante Impreciso", no dia 11 de agosto de 2011 (figura 2). Essa notícia me fez refletir sobre o fato de o cinema não ter mais portas. O que era a porta hoje está lacrada com tijolos. Então, como o

cinema iria abrir as suas portas? Isso me levou a pensar também sobre como olhamos para os prédios que morrem pela cidade. Um olhar mais atento para o Cine Plaza iria perceber que não havia por onde entrar. As informações desatualizadas e o esquecimento nos faz agir de maneira imprecisa.



Figura 2 Divulgação de “Instante Impreciso”, no portal do jornal Primeira Edição, agosto de 2011. Disponível em: <http://primeiraedicao.com.br/noticia/2011/08/11/cine-plaza-abre-as-portas-ao-publico-com-exposicao-instante-impreciso>

A estratégia usada para definir o número de imagens que seriam lançadas no “Instante Impreciso”, está associada ao número de imagens em um segundo de filme, pois são necessárias 24 fotografias. Assim, selecionei 120 imagens, que formariam um “filme” de 5 segundos. Contudo esse tempo foi dilatado, determinado pelo tempo da dispersão dos balões pelo ar. Nesse evento-ação usei instantes fotografados de vários momentos e lugares distintos, criando uma sequência que logo se dispersava em outros lugares-imprecisos.

No mesmo momento do evento, às 15h do dia 15 de agosto de 2011, programei uma postagem no blog informando sobre a ausência de portas no lugar e sobre a localização que o público deveria assumir durante o evento – deveria se posicionar do outro lado da rua. Havia uma diretriz geral do que iria acontecer, mas em que tempo, para quem, o próprio decorrer da ação é que iria determinar.

Os balões com as imagens foram liberados lentamente, tão lentamente que algumas pessoas continuavam esperando pelo filme, outras reconheciam a ação

que pouco a pouco era desvendada pelos comentários imprecisos: "nós somos o filme." (figura 3).



Figura 3 As pessoas aguardando o início do evento, Cine Plaza, 15 de agosto de 2011.

Ao deixar as pessoas esperando, após ter uma divulgação que não deixava claro o que aconteceria, criou-se uma expectativa diante do que poderia acontecer. Acredito que essa expectativa se vinculou ao imaginário daqueles que foram frequentadores do Cine Plaza em seu período de funcionamento, somados a outros curiosos. Bachelard (2008, p. 19) afirma que “Incessantemente a imaginação imagina e se enriquece com novas imagens.”. Ao colocar o público em situação de espera e expectativa, o evento estimulou a lembrança constante no imaginário dos frequentadores ao mesmo tempo em que os fez questionar sobre a imagem que eles tinham do cinema e a imagem atual do espaço.

Algumas pessoas perguntavam quando começaria a exibição do documentário, em que momento as pessoas poderiam entrar no cinema. Esperaram algo que não aconteceria. A decepção fez parte do trabalho para muita gente que ali estava, algo que está presente em nossas vidas e nos filmes. Muitos balões, por causa da direção do vento, se prendiam em árvores existentes dentro do cinema e outros conseguiam subir até perder de vista. Alguns estouraram. Algo similar acontece em nossa memória: algumas imagens estão presentes, outras desaparecem com o tempo, enquanto outras nem são percebidas.

Percebi que algumas pessoas não notaram o início da aparição dos balões e ficaram aglomeradas na calçada do cinema, como quem espera para entrar e assistir a próxima sessão. Outras pessoas que estavam percebendo a ação chamaram todos para ver. As pessoas que não estavam vendo o que estava acontecendo, exaltava, para mim, a invisibilidade do lugar.

O Instante Impreciso foi uma ação que por alguns instantes fez o trânsito passar mais lentamente, as pessoas procurando saber o que estava acontecendo ali, uma desaceleração. A aglomeração das cerca de 40 pessoas na calçada, olhando para o prédio, fez com que as pessoas se perguntassem se tinha tido algum assalto, se alguém havia morrido dentro do cinema. Morre-se e vive-se num cinema todos os dias, assim como nos filmes. Ficções ou imagens construídas a partir de fatos reais, tudo é possível para nossa imaginação.



Figura 4 Obra resultante dos registros do evento "Instante Impreciso", 2011.

A ação propõe olhar para o espaço do cinema. Um convite para ficar olhando. E olhar exige paciência, olhar também cansa. E quem olha precisa trazer

consigo um tempo determinado para ver. A sensação que fiquei foi de que esperavam pra ver e mesmo vendo, esperavam ver mais. A sensação foi de estranhamento, de ausência, de vazio. Contudo, os balões estavam cheios de ar e o ar cheio de imagens. “Instante Impreciso” é um trabalho que trata a imagem com leveza, embora celebre a morte de um lugar, o Cine Plaza.

## **Conclusão**

Movida por memórias e imaginações de um lugar - o Cine Plaza, procurei com esta investigação contribuir para o entendimento da ampliação do uso da fotografia nos processos artísticos, ampliação esta que envolve diversos procedimentos e conceitos presentes na instauração da obra. Optei por trabalhar com uma fotografia que representa a memória pessoal e afetiva sobre este lugar. Uma fotografia para recordar e imaginar.

Não há como pensar no Cine Plaza e suas imagens, sem ser afetado pela imaginação, principalmente por aqueles que tiveram a oportunidade de visitar o lugar, mesmo em ruínas. Partimos de um cinema existente e de memórias particulares e imprecisas sobre este lugar. Assim, localizamos este trabalho não no que seria um projeto documental sobre o Cine Plaza, mas sim um trabalho que evoca traços da memória do lugar e não uma imagem de verificação da realidade.

Assim, acredito que com esta pesquisa, pude empreender experimentações dentro da linguagem da fotografia, utilizando-as como forma de ativação da memória: seja na utilização de fotografias de álbum de família ou na apresentação da imagem de um cinema que está na memória de muitas pessoas. Percebendo a fotografia como uma maneira de fazer sobreviver a lembrança de um lugar e suas histórias.

## **REFERÊNCIAS**

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução: Paulo Neves. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Tradução do autor. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. 3ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

ROUILLÉ, André. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. Tradução: Constança Egrejas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da criação: construção da obra de arte*. São Paulo: Ed. Horizonte, 2006.

### **Renata Voss Chagas**

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia (PPGAV/UFBA). Mestre em Artes Visuais pela UFBA. Integrante do Grupo de Pesquisa Arte Híbrida. Tem interesse por processos alternativos em fotografia bem como na investigação dos diversos suportes que a fotografia pode assumir.